



**18º Domingo depois de Pentecostes (18.09.05)
Próprio 20**

Primeira Leitura - Jonas 3.10 a 4.11

Caetano Veloso deixou retratada na música "Sampa" suas primeiras impressões sobre a cidade de São Paulo quando ali chegou pela primeira vez, ainda jovem. Tudo lhe causou estranhamento – "a dura poesia concreta de suas esquinas, a deselegância discreta de suas meninas... o povo oprimido nas filas, nas vilas, favelas, a força da grana que ergue e destrói coisas belas, a feia fumaça que sobe, apagando as estrelas...". A primeira impressão que temos diante do que é diferente sempre nos causa estranheza. Por isso, chama de "mau gosto", o que vê. Por que isso acontece? "Porque Narciso acha feio o que não é espelho...". É sempre assim – só admiramos o que se parece conosco. Mas, ao final da canção, adaptado à cidade, o compositor já se admira com sua beleza e se renova, se transforma – agora é um "novo baiano passeando na sua garoa", juntamente com outros "novos baianos" que podem "curtir a cidade numa boa".

Jonas, infelizmente, era preconceituoso demais para se apaixonar por Nínive. A narrativa do livro de Jonas tem caráter didático. Trata-se de uma ficção literária oriunda da época pós-exílica (a maioria dos comentaristas data o livro por volta do século V a.C). Seria perda de tempo tentar conciliar a narrativa com a história. Não há qualquer menção de uma conversão em massa de Nínive, capital da Assíria ao jlavismo. Ao contrário, a Assíria sempre foi inimiga histórica de Israel e Judá. Exatamente aí é que se encontra uma possível chave de leitura: o texto tenta provocar nos leitores uma reflexão sobre o universalismo de Javé e o particularismo dos grupos judaicos ligados a Esdras e Neemias. É bom lembrar que foi no pós-exílico que se iniciou o processo de guetização do judaísmo, quando Esdras e Neemias impuseram a expulsão de estrangeiros e dissolveram casamentos mistos.

Deus, porém, não permaneceu quieto e continuou falando através dos escritos de grupos literários como o que redigiu a estória de Jonas – chamado a ser profeta, recusa-se, foge, é trazido de volta por Deus meio forçosamente, vai pregar em Nínive e não anuncia àquela cidade nenhuma palavra de restauração, apenas de juízo... ao final, senta-se no alto de um monte para esperar a destruição da cidade, mas contempla, desolado, sua conversão. Com extrema ironia, os autores do texto fazem o profeta reclamar, lamentar e desejar a própria morte. Parece que antecipa-se aqui uma forte crítica ao fundamentalismo, seja ele de qualquer origem – judaico, islâmico ou cristão. Para muitas pessoas, é preferível morrer que ver seus inimigos serem aceitos por Deus; contemplar a bênção divina a povos de outras religiões ou culturas é vergonhoso e angustiante...

Jonas sabe que Deus é "compassivo, clemente, paciente e misericordioso" (4.2), mas ele, o profeta, é exatamente o oposto: furioso, impaciente e raivoso. Por duas vezes, Jonas deseja a mortel, mas Deus lhe responde: "não terei eu, compaixão de uma grande metrópole?"



É importante frisar que o livro de Jonas é o único das Escrituras que não termina com uma afirmação, mas com um ponto de interrogação. Não sabemos como Jonas respondeu a Deus. Não sabemos se na continuidade da estória, ele não suporta tudo aquilo e comete suicídio, ou consegue ver as coisas com novos olhos. A interpretação está aberta. Eis aí a grande abertura de horizonte: Jonas sou eu e Jonas é você. Jonas é cada um de nós. Por isso a pergunta é dirigida a nós – como você responderá a ela? (Rev. Carlos Eduardo B. Calvani)

Epístola - Filipenses 1:21-27

Ao ditar esta carta (por volta do ano 55, cf. At 19), Paulo estava prisioneiro em Éfeso, para onde os filipenses lhes enviaram Epafrodito com notícias, mas acima de tudo, com um donativo em espécie para auxiliá-lo nas despesas (2:25). Paulo aproveitou o retorno daquele “companheiro de trabalho e de luta” para mandar um bilhete com alguns conselhos e agradecimentos à querida igreja de Filipos, dada sua preocupação pela saúde de Epafrodito e sua solidariedade para com ele. Eis porque hoje é comum encontrar exegetas que concordam que esta carta é o resultado da compilação de alguns fragmentos epistolares que Paulo ditou em diferentes ocasiões.

Segundo Schelkle “esta carta é o documento da maravilhosa liberdade de um prisioneiro”, pois, nela Paulo oscila entre a esperança (parusia) e a resignação (sofrimento). Como pano de fundo desta carta temos duas questões que acompanham o ministério do Apóstolo: a proximidade do Dia do Senhor e a alegria do cristão em meio às tribulações da vida.

Apesar de respeitar a escolha e a divisão deste texto (proposto pelo lecionário), e a partir do entendimento de cada leitor/a, mas também levando em conta as perícopes exegéticas que favorecem a hermenêutica, sugiro que seja lida a epístola para hoje composta dos versos 19 a 26. Assim sendo, neste conjunto textual proposto, a afirmação central de Paulo está no verso 21: “para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro”, para que rezemos com o salmista o final da Oração do Pai Nosso: “para que o reino, o poder e a glória, que são Teus, sejam reconhecidos por todas as pessoas (Sl 145:12).

Mesmo e apesar dos sofrimentos na prisão, Paulo está convicto de que tudo resultará em sua “salvação”, talvez retomando o diálogo entre Jó e os seus debatedores (Jó 13:16). Entretanto, o Apóstolo mostra-se titubeante (“não sei o que escolher”, final do v.22) entre a vontade de “partir para estar com Cristo” (v. 23) e a confiança de ser posto em liberdade para “permanecer neste mundo por causa de vocês” (v. 24).

Vivendo neste dilema, Paulo conta com a “assistência/consolação do Espírito de Jesus Cristo” (v.19, Rm 15,30) e com a oração/intercessão dos filipenses para “exaltar Cristo em meu corpo, seja por minha vida, seja por minha morte” (v.20). O “corpo santificado do crente” (I Ts 4:2-4) pertence a Cristo (I Co 6:12-20) e mesmo que seja preciso passar pelo sofrimento e chegar até a morte, a batalha final já está garantida



pela vitoriosa ressurreição de Cristo (I Co 15:12-14). Já na parábola do Evangelho, Jesus adianta que enquanto o fim não chegar, as relações humanas (na perspectiva do Reino) devem equalizar e satisfazer as necessidades de todas as pessoas, começando por aquelas mais necessitadas e abandonadas à própria sorte (ou à mercê dos maus governantes e/ou das injustas estruturas deste mundo).

Paulo finaliza este testemunho (de seu dilema vivencial, parecido com o de Jonas frente as atitudes de Javé para com os ninivitas) atestando acima de tudo que, para além da vida e para além da morte, o que realmente importa "é a glória de Cristo" (v. 26), penhor e garantia da glória de todos os santos e santas de Deus, afinal, como cantamos no Hino 331 do Hinário Episcopal, Os Santos do Céu: "Também existem em nossos dias santos (e santas) do bom Senhor; eles (e elas) vivem perto de Jesus e levam Sua cruz...". (Rev. Ramacés Hartwig).

Santo Evangelho - Mateus 20.1-16

Dentro da lógica humana regulada pelas relações de troca, a narrativa de hoje soa, no mínimo, como um grande absurdo e uma total injustiça - pelos menos é esse nosso primeiro ímpeto, pois aos olhos humanos é injusto o critério de contratação e mais ainda o do pagamento, afinal, quem trabalhou pouco deve ganhar menos!

Acontece que mais uma vez o texto bíblico descortina diante de nós padrões que pertencem ao Reino de Deus e, por isso, nosso espanto: não estamos tão acostumados às suas regras; falamos sobre elas, ensinamos sobre elas, mas não a vivenciamos na integralidade da nossa vida. Com essa parábola Jesus anuncia relações bem diferentes e verdades mais profundas para aqueles que querem fazer parte do seu reino:

(1) O amor do Pai é para todos, igualmente. No contexto bíblico poderíamos lembrar as relações entre judeus, que se consideravam escolhidos, e gentios, excluídos pelos judeus. Hoje, alguns grupos ainda mantêm o controle de uma certa geografia de acesso a Deus, isto é, quem pode e quem não pode pertencer à comunidade dos salvos. Para esses, se Deus quer ser generoso, então que seja primeiro com eles;

(2) Não somos dignos desse amor e mesmo assim ele é oferecido a nós. A grande lição é que não há nada que possamos fazer para merecê-lo. Aqueles que se esforçam e trabalham unicamente pela recompensa esperam ser sempre melhor recompensados *porque mereceram*. Esses se sentirão muito mal quando outros receberem maior paga. Há outros que, não tendo a que recorrer, dependem unicamente de Deus (Bíblia do Peregrino);

(3) Há ainda alguns que dividem os fiéis entre aqueles que merecem mais, os que merecem menos e os que nada merecem. No espaço do Reino de Deus, porém, as relações não são assim. Os assalariados receberam todos o mesmo valor. Ora, aquilo que recebemos de Deus, recebemos pela graça e não por esforços e atribuições pessoais;



(4) A justiça de Deus deve ser o parâmetro para a justiça humana. Não importa quanto tempo o trabalho durou, mas o quanto cada um o fez na dependência de Cristo tão somente.

As relações com Deus não estão baseadas na troca, na retribuição – assim o fosse voltaríamos aos tempos do pós-exílio para legitimar nossas ofertas e sacramentar os que são e os que não são dignos diante do sagrado.

A narrativa termina com um alerta (v.16) que pode até levar alguns a achar que ser o último pode ser um bom negócio – cuidado com as intenções! (*Selma Almeida Rosa*)